

Percepção de fadiga materna no primeiro estágio do trabalho de parto, de risco habitual, e os seus fatores associados: estudo transversal

Vanessa Vasconcelos de Freitas^a, Suênia Simone de Queiroz^a, Cláudia Regina Oliveira de Paiva Lima^b, Leila Maria Alvares Barbosa^a, Caroline Wanderley Souto Ferreira^a*

^a Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal de Pernambuco

^b Departamento de Estatística, Universidade Federal de Pernambuco

* Endereço de e-mail do autor correspondente: caroline.wanderley@ufpe.br

RESUMO

Introdução: Ansiedade, dor e estresse se apresentam de forma isolada ou simultânea no trabalho de parto e influenciam o nível de fadiga materna, sendo este um sintoma que tem natureza cumulativa e que, quando exacerbado, influencia negativamente o comportamento da parturiente, trazendo desfechos nocivos à genitora e seu conceito. Por exemplo, a exacerbação da fadiga materna pode levar ao prolongamento da primeira fase do trabalho de parto e maior pretensão de cesariana. Por essa razão, sua avaliação e identificação precoce são de alta relevância. No entanto, atualmente, evidências científicas sobre a fadiga materna relacionada ao parto são escassas. **Objetivo:** Avaliar a percepção de fadiga materna e os fatores sociodemográficos, antropométricos e obstétricos associados, no primeiro estágio do trabalho de parto, em gestantes de risco habitual. **Métodos:** Estudo transversal, realizado com 87 parturientes de uma maternidade pública. A coleta de dados ocorreu entre agosto/2022 e janeiro/2023, por meio de entrevistas presenciais, com aplicação da ficha de avaliação individual e do Questionário de Percepção de Fadiga Materna no Parto. A análise estatística foi realizada através do software SPSS 13.0. Todos os testes foram aplicados com 95% de confiança, sendo considerado o nível de significância quando $p < 0,05$. **Aspectos éticos:** O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (parecer nº: 5.539.702), em 22 de julho de 2022, respeitando os preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** A prevalência de baixa fadiga materna foi de 54%. Houve associação entre o nível de fadiga materna e não adoção de posturas para alívio da dor ou cansaço no trabalho de parto ($p=0,017$). Não houve associação entre outras variáveis demográficas, antropométricas e obstétricas. **Conclusão:** A não adoção das posturas para alívio da dor ou cansaço, durante o trabalho de parto, aumenta em 1,73 vezes o risco para alta fadiga materna. Entretanto, novas pesquisas são necessárias nessa área, a fim de melhorar a assistência prestada pelos profissionais de saúde envolvidos na parturição.